

SUJEITO E DISCURSO NA REDE*

Daniela Giorgenon – Universidade de São Paulo
Ane Ribeiro Patti – Universidade de São Paulo

RESUMO: Para tecermos sentidos sobre os movimentos do sujeito na (e fora da) rede eletrônica, nos pautamos na Análise de Discurso de matriz francesa (AD), método que reconhece a materialidade opaca da língua(gem) e seu atravessamento pela história, pelo inconsciente e pela ideologia, e também em contribuições da psicanálise freudiana e lacaniana. Norteadas pelos conceitos de sujeito, discurso, sentido e rede discursiva, intencionamos provocar um gesto de leitura sobre a rede eletrônica e o sujeito-navegador que exponha à opacidade os sentidos de completude circulantes sobre essas materialidades, e a céu aberto os efeitos na constituição de sentidos outros e do sujeito ao circular pelos links em sites, blogs, redes sociais, em sua rota desejante na infomaré.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Discurso. Rede eletrônica.

INTRODUÇÃO

Articularemos, neste trabalho, sentidos sobre rede discursiva e rede eletrônica perpassando os movimentos do sujeito no *on* e no *off*, no dentro e no fora, no plugado e no desplugado, em seu percurso pelos atos de linguagem, nos bordejamentos na/da rede. Para tanto, apresentaremos a concepção de discurso, sentido, sujeito e rede discursiva proposta pela Análise de Discurso da Escola Francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux, e enfatizaremos seu entrelaçamento com a Psicanálise (Freud e Lacan). Com esse arcabouço teórico-analítico, vamos (des)articular sentidos sobre a rede eletrônica e os (não)movimentos do sujeito pelo universo *online*, promovendo gestos de leitura que visam desobturar formações discursivas cristalizadas sobre a rede, suposta capturar todos os sujeitos e tudo (se) encontrar.

Conforme Romão (2004, p. 72), “*Os trabalhos de Castells (2002, 2003), Cebrián (1999) e Levy (1993,1996) atestam que os termos sociedade em rede, rede de informação e rede internet compõem a manhã do século XXI*” e, acrescentamos, trazem ares de que tudo é possível no *online*, não havendo aparentemente contenção do sujeito navegador. Ou seja, as distâncias encurtadas, o imediatismo e instantaneidade da comunicação, a pluralidade de temas encontrados no espaço cibernético, apresentam ao sujeito um banho polissêmico no

* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=17&t=3848>>.

qual, antes, nunca esteve imerso, e que lhe dá a impressão de completude. Ao tecermos esta escrita, pretendemos falar do lugar de entremeio que a AD nos convida a trabalhar, reconhecendo a materialidade da língua(gem), sua espessura histórica e inconsciente, para chegarmos a novas e outras questões sobre o (não) endereçamento do sujeito à rede eletrônica.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Segundo Pêcheux (1997), o discurso é efeito de sentido entre interlocutores; noção que se desliga das concepções linguísticas pautadas na transparência da linguagem e aponta o movimento de dizer-silenciar, o deslizar de um sentido em outro, distanciando-se da visão linear de transmissão de informação. Articulando metaforicamente discurso e sentido, Pêcheux (1997, p. 134) nos fala de “vários fios que se sobrepõem” e que se materializam na linguagem, e Leandro Ferreira (2003, p. 44), tecendo com esses fios, faz uma articulação sobre a rede discursiva:

Uma rede [...] como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem.

Pêcheux, ao elaborar a concepção de sujeito discursivo, deixou-se capturar por redes já tecidas por Ferdinand Saussure, por Marx e Althusser e por Freud e Lacan, propondo um sujeito discursivo, incompleto tal qual a linguagem que o constitui, interpelado ideologicamente e desejante. Entre o sujeito falante e o outro há sempre criação, representação, e claudicação. Da mesma forma, entre objeto e representações, há sempre uma hiância, um não colamento, já apontado por Freud (2006) em 1891 em sua monografia sobre as afasias, uma brecha para o intercâmbio das significações e o jogo das representações, dada a estrutura da linguagem, que não se completa, mas, pelo contrário, sustenta um eterno não-se-inscrever, chamado por Lacan de “real”.

E, segundo Lacan (1998a; 1998b), o sujeito se constitui ao ser fal(t)ado por um Outro, alteridade por ela construída em seu deparamento com o real. Advém, portanto, nessa rede, como sujeito fal(t)ante, interditado pela lei simbólica que o atravessa e o desgruda de uma relação dual (com a figura materna), convocando-o a (r)enunciar, a articular significantes no entremeio de não poder tudo dizer. No que tange ao viés ideológico, a constituição do sujeito pela via da alteridade também está instalada, já que a concepção marxista-althusseriana propõe que a categoria do sujeito é constitutiva de qualquer ideologia e que, concomitantemente, é a ideologia que, ao interpelar o indivíduo, o constitui como sujeito concreto, na materialidade. Althusser (1996) anuncia que o sujeito é sempre já sujeito e se liga ao reconhecimento ideológico garantindo a sua concretude, ou seja, recebe um nome,

participa de alguns rituais e os interpreta como evidentes, estabelecendo a “reprodução das relações de produção”.

Plugado nestas noções, Pêcheux (1997) afirma que a ideologia e o recalque inconsciente, ao assujeitarem o sujeito, produzem um efeito de evidências que o autoriza a enunciar a partir de certas (im)posições. Este processo é (e)feito de uma sucessão de identificações que se processam de forma inconsciente ou, em outras palavras, pelos esquecimentos nº 1 e nº 2, que respectivamente constituem o esquecimento pelo sujeito da anterioridade das palavras e a crença de um colamento entre palavra e pensamento, que faz o sujeito acreditar que o que diz equivale ao que pensa e que seu dizer é inaugural, apagando assim seu assujeitamento ao inconsciente e à ideologia.

Pêcheux concebe, então, o sujeito da AD como uma posição no discurso, assumida em dada condição de produção, e que lhe é possível, ao filiar-se a alguns dizeres e não outros, estando sob o efeito do recalque inconsciente de não poder tudo dizer/saber e sob o efeito ideológico que condiciona o que pode e deve ser dito. Em seu esboço de uma teoria não-subjetiva da subjetividade, dada sua materialidade discursiva, Pêcheux (1997) designa o sujeito assujeitado no universal como singular insubstituível: “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009, p. 281).

Pêcheux (2009, p. 280) nos diz que “o pensamento é fundamentalmente inconsciente (“isso [ça] pensa!”)” referindo-se a Lacan na retomada aos princípios freudianos. Podemos considerar que o registro do imaginário, tal qual o formula Lacan ([1949] 1998) no *Estádio do Espelho*, é o registro da incessante busca da compreensão, da tentativa de exclusão das contradições, permitindo a lógica binária, do “ou” isso “ou” aquilo, que busca simetrizar as diferenças, colar a realidade à imagem e que servirá de suporte à rede eletrônica, sob o suporte de uma memória de silício, e que atribui um sentido para cada sinal e um sinal para cada sentido. Só para constar, e servir de comparação, a ordem unária, formulada por Freud (s/d), seria a do registro do inconsciente, no qual não há censura, não há diferença entre os juízos de valores: certo/errado, bom/mau, bonito/feio etc. O inconsciente é autorreferencial e irrompe em suas manifestações, que abarcam o non-sense, o paradoxo, funcionando na lógica simbólica, campo da conjunção da adição inclusiva, do ser e não ser simultaneamente (LONGO, 2006).

Não é fácil suportar a lógica unária, pois há todo um discurso social-capitalista ditando como se organizar, como fazer, como ser mais eficiente, mais produtivo, ou seja, funcionando na lógica binária. Na rede, fica explícita a velocidade com que esses discursos passam a circular, com suas com/unidades elegendo e legitimando padrões, no sobreaviso da última chamada: está na moda: “seja feliz”, “faça isso”, “faça aquilo”, “Just do it!” (slogan da Nike) e mesmo nos silêncios e ausências dos ditos, transformados em imagens, que bombardeiam incansavelmente o imaginário dos internautas *online*. E na estruturação das novas práticas sociais propiciadas pelo advento da rede, uma das ilusões correntes é a de tudo se poder dizer, para todos, publi(x)car, como se fosse óbvio dizer de si, ilustrando os esquecimentos que

Pêcheux conceituou, esquecimentos que são estruturantes e constitutivos do sujeito como ser de linguagem.

É preciso, portanto, que o sujeito falante funcione em uma ordem ternária (eu-tu-ele) para produzir uma fala que possa ser socializada, compartilhável. Transportando essa fala para suportes áudio-visuais, e, ainda, difundindo-a na mídia eletrônica (seja ela vascularizada em blogs, sites, redes sociais, revistas e jornais virtuais etc.), o sujeito se inscreve na rede de forma privilegiada com sua possibilidade de expansão (publicação de sua voz em diversos lugares) e expressão de sua leitura de/sobre o mundo. O ciberespaço, neste sentido, reconfigura divisões de poder (ler, falar, postar), afetando em pequena e larga escala as modalidades do ser, do estar, do fazer acontecer e da transmissão dos já-ditos, à medida que se ampliam vozes heterogêneas na composição de uma memória social que se encontra em movimento pleno, num gerúndio de mudanças e transformações. Nas palavras de Levy (1996, p. 11): *“Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, democracia virtual...”*

Em Pêcheux (1997), encontramos uma advertência para o paradoxo que essas reorganizações decorrentes da difusão da informática viriam a causar em nossa sociedade: de um lado, o poder recaído nas mãos dos técnicos, dos quais cada vez mais depende(re)mos (por falarem a lingua(gem) dos computadores), e através dos quais busca-se, ingenuamente, fazer um movimento de normalização do pensamento, e de simplificação das questões que concernem tanto às *“clivagens subterrâneas”* (p. 57) quanto às tentativas *“de livrar o discurso de suas ambiguidades, por um tipo de ‘terapêutica da linguagem’, que fixaria enfim o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados”* (Ibidem, p. 60). Por outro lado, a cultura literária, *“transporta consigo evidências de leitura que atravessam a materialidade do texto, sempre tido como linguisticamente transparente, sobretudo nos casos dos historiadores e filósofos”* (Ibidem, p. 61). E é neste mesmo texto que Pêcheux (op. cit.) nos indica a aposta: *“(...) são, frequentemente, os poetas ou romancistas que “dão idéias” aos lingüistas. Além disso, a difusão das concepções psicanalíticas, (em particular lacanianas), favorecem, pelo menos em certos casos, este reconhecimento da materialidade da língua como constituindo o incontornável do pensamento”* (Ibidem, p. 61).

E nos contornos para significar essa materialidade de silício, repletos de completude, também abrem brecha para a opacidade, a multiplicidade de sentidos ao sujeito se banhar pelo hipertexto, já que que o deslocamento do sujeito pelo arquivo eletrônico se estabelece em redes de combinações imprevisíveis. *“Assim, a rede põe em movimento, na ordem da língua, outros modos de o sujeito se constituir na linguagem, reordenando redes da memória do dizer e inscrevendo ora movimentos de ruptura e deslocamento, ora de repetição”* (ROMÃO; MARCUSSI, s/data), um modo de se constituir e se deslocar, mais afinado, talvez, à sua própria constituição languageira, que expressa melhor não a lógica cartesiana, mas a lógica do inconsciente, uma lógica associativa, de movimentos entre a estrutura e o acontecimento, ainda que ancorada em movimentos sinápticos que o sujeito faz não só em suas redes neuronais, mas no grande Arquivo (já-lá, disposto por Outro) ao estar on line e trilhar seus

próprios arquivinhos, emergindo discursivamente nas novas formas de interatividade que as novas tecnologias propiciam.

CONCLUSÃO

Lançamos um olhar para essa forma contemporânea de emergência do sujeito, que urge na fala e na imagem na/sobre a rede eletrônica, registros do sujeito que fazem parte de uma tessitura histórico-cultural que compõe um Arquivo movediço [move d(isso)], e isso, porque:

A materialidade da sintaxe é realmente objeto possível de um cálculo – e nesta medida os objetos lingüísticos e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa daí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua (...). É esta relação entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo (PÊCHEUX, 1997, p. 62).

Gesto de leitura que por esses palavreamentos fazem mancar o aparentemente óbvio e que se abre a novas questões.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. *Linguagem da internet: um meio de comunicação global*. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2011.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Tradução de M.D. Magno. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. *Revista Letras; Espaço de Circulação de Linguagem*, Universidade Federal de Santa Maria, n. 27, p. 39-46, 2003.

LEITE, Nina. Só há Causa daquilo que falha. In: *Estudos da Língua(gem)/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, n.1, p.3-130, junho de 2005.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS). Disponível em: <http://books.google.com/books?id=leNw_sOADVEC&printsec=frontcover&dq=O+que+%C3%A9+o+virtual?&hl=pt-BR&ei=yZXeTfaoEsh50gGsguzGCg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=true>.

MARIANI, Bethania. “Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise”, *Revista Polifonia*, v.12, Cuiabá, 2006. Versão on line no endereço eletrônico: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/131.pdf>>.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed., Campinas: Pontes, 2007a.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al]. 3. ed., Campinas: UNICAMP, 1997a. (Coleção Repertórios).

_____. Ler o arquivo hoje. In: *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Eni Orlandi (Org.) [et al]; Tradução de Bethania Marianni [et al]. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b.

_____. Só há causa daquilo que falha... In: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi, 4ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 02, n.03, p. 1 - 12. 2005. Disponível em: <http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

_____. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 5, n.1, p. 71-91, jul./dez. 2004.

_____. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *REVISTA DELTA*, vol 22, n. 2, p. 303-328, 2006.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. Da notícia ao discurso jornalístico: a tentativa de silenciar a heterogeneidade. *REVISTA VERSO E REVERSO- Revista da Comunicação*. Ano XX - 2006/2 - Número 44.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; BENEDETTI, Cláudia Regina. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. *Revista Verso e Reverso- Revista da Comunicação*. Ano XXII - 2008/1 - Número 49.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MARCUSSI, Elaine. *A discursividade em uma comunidade na rede eletrônica: um modo de falar do MST*. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/35/romao_35.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.